

## CORPOS EDITORA

Ser diferente numa terra de muitos iguais

**A CORPOS EDITORA nasceu, cresceu e está de boa saúde.**

**Adriana Pereira e Ex-Ricardo dePinho Pereira são os mentores e rostos mais visíveis deste projecto que é já uma referência. Já lá vai o tempo dos “maços de tabaco” com frases famosas de Oscar Wilde, Shakespeare, Sócrates, Goethe e tantos outros. As pessoas ainda se lembram, ainda compram e ainda lêem, mas agora a editora arranca com um novo projecto.**

**Sob o cunho de “Ministério da Poesia”, a CORPOS lança um conjunto de 32 novos autores num formato igualmente irreverente. Com um formato tipo “carteiras de fósforo” eis então 32 livros a reunir numa só colecção 32 novos autores que aqui começam a sua “longa caminhada de sonhos vagabundos”. Falámos com Ex-Ricardo Teixeira, e eis a voz de uma editora “diferente” num país teimoso em ser demasiado “igual”:**

**RTP: Qual foi o vosso sonho, ao conceber esta nova colecção?**

**EX-RICARDO:** O conceito para a colecção deriva de uma visão do mundo que temos todo o gosto em partilhar. Em primeiro lugar, um novo autor - ou um autor ainda não afirmado a nível mediático - tem muita dificuldade em se afirmar, pois não é falado, e não sendo falado "não existe". Fizémos várias vezes esta pergunta: “Porque é que este autor, que é tão bom, não aparece?” Porque não é colunável!

**RTP: E aí passaram a surgir vocês...**

**EX-RICARDO:** Aí surge então a pertinência de o fazer aparecer, pois merece. O melhor método é fazendo da união a força, e se de um não falam, de muitos falarão com certeza. Pelo que sei, esta é a primeira vez em Portugal que se lançam tantos autores numa margem tão curta de tempo...

**RTP: E quanto ao “Ministério da Poesia”?**

**EX-RICARDO:** O Ministério da Poesia é também uma crítica às instituições públicas, se bem que não seja a favor da subsidiodependência, responsável talvez pelo estado crítico da arte em Portugal (uns recebem a mais, outros a menos). Um povo que não invista na arte e na ciência não tem futuro. E há ideias que podem não ser comerciais hoje, mas são de facto pertinentes.

**RTP: Qual é a vossa visão do panorama das restantes editoras?**

**EX-RICARDO:** Algumas editoras, quanto a nós, falham pela falta de ética; por vezes nem é bem falha, é mesmo falta dela, e nem sequer dão a cara por isso. No entanto, merecem páginas inteiras de jornais e revistas e fazem o autor pagar a sua própria edição. A nosso ver, o autor é ou não publicável, segundo critérios que dizem respeito a cada editora, mas não se pode brincar com os sonhos das pessoas e fazê-las pagar uma edição que depois nem sequer se encontra nas livrarias. A isso chamamos roubo, e não edição.

**RTP: Daí que uma das vossas diferenças com o “Ministério da Poesia” seja a defesa de um lema, uma integridade.**

**EX-RICARDO:** Sim, o Ministério da Poesia é um movimento, uma primeira roda, uma véspera. Com o Ministério queremos oferecer um microfone para todos aqueles que mereçam ter as suas vozes nos altifalantes e, mais importante que isso, perto das pessoas. Pensamos neste momento estar a criar uma casa que nos irá ultrapassar, que daqui a alguns anos isto seja visto como uma instituição onde alguns dos futuros grandes escritores portugueses terão começado uma grande caminhada.

**RTP: Mas ao falarmos de “Ministério da Poesia”, tanto quanto sei, não implica estarmos a falar, apenas, de poesia...**

**EX-RICARDO:** Efectivamente, o Ministério da Poesia abrange não só a poesia, como a prosa, o teatro, a comédia infantil, a pintura, etc. Na cidade do Porto, há alguns anos, existiam poucas salas de cinema e estavam muitas vezes com meia casa. Hoje existem muitas e estão quase sempre cheias. Pelo nosso lado, igualmente, queremos contrariar os pseudo-intelectuais que impedem continuamente que a arte chegue a todas as pessoas. Um livro é bem ou mal escrito. Mas porquê olhar para o livro como um objecto-cadáver ou algo que aspira sempre a uma profundidade ou uma pseudo-profundidade?

**RTP: Daí que até na ‘forma’ decidiram inovar, oferecendo livros que também aí se apresentam diferentes ao leitor, que exigem uma nova relação e até interactividade com ele.**

**EX-RICARDO:** Primeiro que tudo, para nós um livro é algo que se lê, e queremos sempre respeitar isso. Mas é igualmente uma forma de a arte começar na capa, e não apenas quando se abre o livro. Por outro lado é também uma imagem de marca da editora, e nós sabemos isso. Para que haveríamos então de fazer livros iguais aos outros? Porque é que um livro tem de ser um objecto rectangular, colado e cosido, com um tipo de papel y, x ou z? Só porque alguém o disse no século passado?

**RTP: E quanto aos vossos objectivos específicos, como editora.**

**EX-RICARDO:** Eu diria até, se me é permitido, que os objectivos da CORPOS nos ultrapassam. Fazemos as coisas desta maneira porque é assim que nos sentimos bem a fazê-las. É-nos mais fácil dizer o que não somos: não somos com certeza aspirantes a achar que estamos acima das pessoas e não queremos perpetuar o ciclo de escritores a escrever para escritores. Na CORPOS sonhamos com o dia em que a maioria das pessoas terá tanto prazer a ver uma sessão de lançamento de um livro como a ver a Mtv. É fácil escrever livros vendáveis sem conteúdo, e escrever livros tão "profundos" que ninguém os entende (às vezes nem o próprio autor). Tentamos fazer coisas profundas para todos. O povo está encurraldo entre os telejornais sensacionalistas, os Big Brothers e os futebolis. Mas não me venham dizer que o povo é estúpido, porque todos nós somos povo. Simplesmente as pessoas não têm opções. E quando não há opções, há espaço para a diferença, e aqui entra a CORPOS.